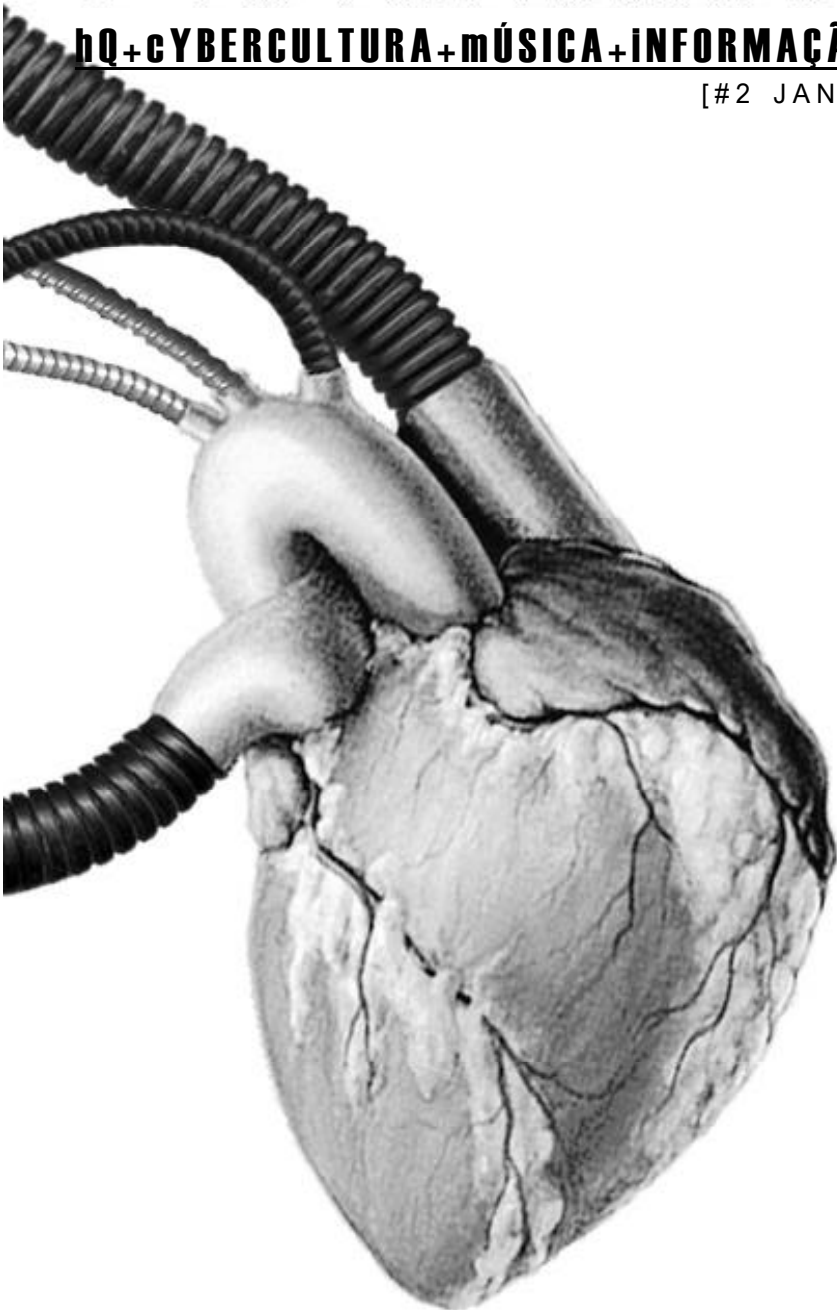


# #VIVEREOLUX >

**hQ+cYBERCULTURA+mÚSICA+iNFORMAÇÃO+cINEMA**

[#2 JAN-JU N 2004]



Após seis meses de incubação nas câmaras criogênicas do Chain Reaktor, sofrendo um violento upgrade de implantes de memória, as mentes biotecnologicamente desenvolvidas dos articuladores do :**OVERCLOCK**> zine estão mais ativas e atentas do que nunca. Varrendo a matriz em busca de vida inteligente, de informação valiosa e de brechas no sistema.

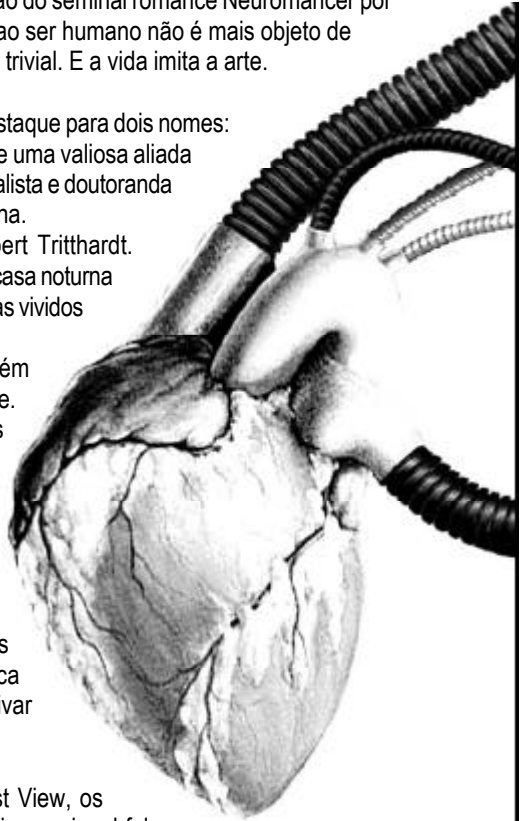
Em seu segundo número o zine :**OVERCLOCK**> assume definitivamente seu alinhamento com o movimento cyberpunk. Duas décadas após a publicação do seminal romance *Neuromancer* por William Gibson, a tecnologia simbioticamente ligada ao ser humano não é mais objeto de pura ficção. A *Matriz* é real. Biotecnologia é um termo trivial. E a vida imita a arte.

Entre os conspiradores/colaboradores nesta edição destaque para dois nomes: Adriana Amaral, pesquisadora do universo cyberpunk e uma valiosa aliada na divulgação do cenário electro/gótico alternativo. Jornalista e doutoranda em comunicação social é um arauto acadêmico da cena. De New Orleans infiltram-se os quadrinhos de Robert Trittthardt. Apenas um artista que acumula a função de DJ de uma casa noturna gótica-industrial poderia retratar a comicidade dos dilemas vividos pelas criaturas que habitam o subterrâneo da noite. Seus quadrinhos contam a história do DJ Writhe, recém chegado a New Orleans, e de seu novo amigo Shine. Um leque de personagens característicos e situações familiares vai se desfaldando aos poucos... sempre cobertos com o véu da auto-ironia de Trittthardt.

Levando a frente a proposta de divulgar o lado cyber da arte, dissecamos Tanino Liberatore, influente desenhista de quadrinhos alternativos, e o inédito (por aqui) filme *Immortal (AD VITAM)*. Mistura de atores reais com animação a película é promissora, mas a fraca distribuição de filmes europeus por aqui pode nos privar deste espetáculo.

Na arena musical, três entrevistas exclusivas: Aghast View, os maiores representantes da música eletrônica alternativa nacional falam das dificuldades da cena local e das perspectivas para o futuro, Sara Noxx, diva alemã das melodias sintéticas fala de suas inspirações e finalmente, [:SITD:], revelação alemã que com apenas um álbum lançado já tomou de assalto pistas e paradas alternativas em todo o mundo.

Agora, conecte-se ao seu console. Projete sua consciência na *matriz*... E sinta os efeitos do *overclock* cerebral.





# Zona Franca Comics

Um Mundo de Sonhar na Realidade de seu Dia-a-Dia

COMPRA - VENDA

REVISTAS EM QUADRINHOS - MAGIC THE GATHERING - CARD  
GAMES RPG - LIVROS - CAMISETAS - BONECOS

SANTA MARIA SHOPPING - SALA 209 A - (55) 9114-2511 / 3026-0950  
zonafranca34@hotmail.com

# S A R A N O X X

Vencedora de um concurso promovido em 1997 pela ZILLO Magazine( revista alternativa com foco nas cenas gótica e eletrônica ) Sara Noxx tornou-se sinônimo de voz marcante, letras profundas e melodias envolventes. A melancolia e os trechos falados intercalando-se à melodia são uma marca registrada de seu trabalho.

Sara Noxx mostra que os sons sintetizados nos circuitos de silício podem carregar emoções quentes e orgânicas.

Extraído do último álbum - Equinoxx - o single Colder and Colder já nasce clássico e torna-se hit instantâneo de pista. Instantâneo, mas não descartável. A faixa deve ainda ecoar por longos anos nos subterrâneos do pop sintético.

Sempre atenciosa, Sara Noxx - amante do futebol e da fórmula 1 - nos mostra o que há por trás do véu da grande diva do synthpop atual...

**:\OC> O que você conhece da cena brasileira? Alguma banda ou projeto?**

**:\SN>** Honestamente, conheço muito mais os jogadores de futebol do que a cena eletrônica brasileira... ;-) Mas tenho amigos em São Paulo - talvez você conheça o Individual Industry e o 3Cold Men de Alex Twin e Maurizio. Eles são encantadores - eles remixaram uma das faixas de meu último álbum. Tenho também o primeiro álbum do Aghast View, apesar de ter sido lançado há bastante tempo eu o ouço com frequência. Há também alguém muito especial em São Paulo - Acho que se ele ler isso vai saber que eu estou falando dele...

**:\OC> Quais suas influências musicais? E o que costuma ouvir hoje?**

**:\SN>** Sou uma criança dos anos 80 e fui influenciada pelo som eletrônico desse período - foi uma época de excelente música - lembro de bandas como Eurythmics, Erasure, Yazoo e é claro, Depeche Mode... Continuo ouvindo essas bandas assim como ouço artistas mais recentes - Eu ouço rock, pop, techno, trance, clássico... não sou tão restrita...- E se quer mesmo saber de detalhes, enquanto respondo suas questões estou ouvindo

Madonna... :-)

**:\OC> Do que falam suas letras? De onde vem sua inspiração? Experiências pessoais são de alguma forma retratadas nelas?**

**:\SN>** Sim minhas letras são muito pessoais - As canções de Sara Noxx são meu diário pessoal - Uma maneira especial de tratar os eventos em minha vida. Falo de meus medos, esperanças, sonhos, lágrimas...

**:\OC> Sua voz desempenha um papel muito importante em seu trabalho, assim mesmo você lançou Nonvoxx, um álbum instrumental. Fale-nos dessa experiência.**

**:\SN>** Eu gosto de surpreender! :-) Foi uma tentativa e um agradecimento aos meus fãs e as reações positivas me mostraram que foi uma boa idéia... Imaginei que a voz não seria indispensável para dizer o que sinto - Nonvoxx é a prova disso.

**:\OC> Continuando no tópico voxx. Você é frequentemente comparada a Anne Clark. É uma comparação justa?**

**:\SN>** Com certeza conheço o trabalho de Anne Clark, mas nunca tentei soar como ela. É um mero acidente que minha voz pareça com a dela e sou

grata por isso porque gosto bastante de suas músicas dos anos 80. Acho que minha música segue uma direção diferente mas se alguém acha que soa como Anne, é uma honra para mim, porque ela é uma grande artista... ;-)

**:\OC> Você emprestou sua voz para o PatenbrigadeWolf (projeto paralelo do Dust of Basement), devemos esperar mais participações em trabalhos de outros artistas? E com que bandas você gostaria de trabalhar?**

**:\SN>** Oh! Se dependesse de mim, gostaria de trabalhar com Depeche mode ou Madonna!!! :-)

Sven do Patenbrigade/Dust of Basement é meu amigo e temos algumas idéias de cooperação. Você conhece o remix do Dust of Basement no single de Colder and Colder? Gosto muito dele...

Planejo trabalhar com outros artistas também, mas ainda não quero falar demais... ;-)

**:\OC> Além da música (e também da poesia, com o livro Lyrixx tendo sido recém lançado) você tem outras atividades profissionais (artísticas ou não)?**

**:\SN>** Estou procurando um emprego, mas a situação na Alemanha, assim como no resto do mundo, não é boa. Mas isso me dá mais tempo para compor e escrever - o que não é tão ruim.

**:\OC> Partindo para o lado técnico. Que maquinário equipa o seu estúdio? Sintetizadores em software versus sintetizadores em hardware, de que lado da briga você está?**

**:\SN>** Eu trabalho com uma maravilha técnica e musical, o Korg Trinity - é um grande sistema... Todas as minhas canções saem dele, não trabalho no PC. Mas no estúdio, onde meu produtor altera timbres e baterias aperfeiçoando as faixas, temos bem mais maquinário - hardware e software - do que eu tenho em casa...

**:\OC> O advento da internet tornou possível compartilhar arquivos de música fácil e gratuitamente. Como você vê isso? Uma ameaça para a música? Um novo caminho para divulgação? Você apóia o compartilhamento?**

**:\SN>** Para ser honesta, eu entendo quem compartilha música, porque os CDs originais são mesmo muito caros. Como não vivo da música está tudo OK para mim - desde a época do vinil e do cassete já era possível fazer cópias e acho isso uma coisa boa. E com certeza é uma forma de divulgação também...se alguém gostar de um artista vai procurar comprar seu álbum.



Os CDs protegidos contra gravação são uma piada - Ninguém pode esperar que eu compre um CD que eu não possa copiar nem para mim mesmo - Talvez para ouvir no carro, por exemplo. Talvez eu tivesse uma opinião diferente se eu fosse uma grande artista comercial...

**:\OC> Fale-nos agora de Sara Noxx ao vivo nos palcos. Deixe o público brasileiro sentir o gosto do que estão perdendo.**

**:\SN>** Antes de tudo, lá estou eu! :-)) E acredite já é bastante para perder. :-)) Mas agora falando sério, há um grande show de projeções de vídeo. Além de mim, ao vivo Sara Noxx conta com o reforço de René, meu tecladista. Ele toca os instrumentos, dispara os vídeos e é muito divertido. Na verdade nos divertimos bastante no palco, rimos bastante, conversamos com o público... Mas convidem-nos e mostraremos tudo a vocês...Eu adoraria levar minha música ao vivo para o seu belo país...

**:\OC> E uma mensagem final para os fãs brasileiros?**

**:\SN>** Com certeza tenho - rezo para que tenhamos uma chance na copa de 2006 - vocês têm um time dos sonhos e é quase certo que estejam na final - então, se jogarem com a Alemanha um pouco antes, deixem-nos pelo menos fazer UM gol!!!! :-))



**:\Web>**

[www.saranoxx.com](http://www.saranoxx.com)

**:\Discografia>**

1997 CD "Noxxious"

1998 CD "Paradoxx"

2001 CD "Exxtasy"

2003 CD "Nonvoxx"

2003 CD "Promotional Vol.1"

2003 CD "Equinox"

2004 CD "Promotional Vol.2"

# IMMORTEL (AD VITAM)

Uma história com deuses egípcios, passada em Nova York, filmada na França, falada em inglês e escrita e dirigida por um desenhista de quadrinhos nascido em Belgrado (ex-Iugoslávia, atual Sérvia) e radicado em Paris! É um mundo muito pequeno, sobretudo para o talento do inspirado desenhista/roteirista/cineasta Enki Bilal. Um dos membros da Les Humanoïdes Associées grupo que em 1974 lançou a cultuada revista *Metal Hurlant* - em 1977 surge sua versão americana: *Heavy Metal* - até hoje um celeiro de grandes nomes dos quadrinhos de ficção científica e fantasia.



IMMORTEL (AD VITAM) é a versão cinematográfica de *Os Imortais (La Foire Aux Immortels)* e *A Mulher Enigma (La Femme Piège)*, os dois primeiros álbuns do quadrinhos da Trilogia Nikopol, com adaptação e direção do próprio Bilal.

A trama é ambientada na decadente Nova York de 2095 - os quadrinhos se passam na Paris de 2023 - num cenário com táxis voadores, arranha-céus quilométricos e uma população de humanos, mutantes, alienígenas e andróides. Ok, no mínimo você já viu isso em *Blade Runner* e em *Quinto Elemento*. Mas vale observar que o primeiro tinha Jean Giraud - vulgo Moebius, outro fundador dos *Humanoids* - na equipe artística e o último está sendo processado justamente por plagiar os cenários da HQ *O Incal*, também de Moebius. O fato: pela primeira vez estaremos vendo a estética do futuro cyberpunk gestada nos quadrinhos dos *Humanoids* transposta para as telas pelas mãos de um dos pais da criança!

Immortel é, para dizer o mínimo, um espetáculo visual e uma profusão de idéias inovadoras e originais. Tudo isso servindo de pano de fundo para uma história surreal: uma pirâmide flutuante paira sobre

Manhattan. Na pirâmide um deus egípcio com cabeça de falcão tentando preservar sua imortalidade. Em terra, um preso político que passou trinta anos congelado em uma prisão orbital e uma misteriosa garota de cabelos, lábios e lágrimas azuis (Os mamilos também são azuis, e me causa uma certa estranheza imaginar que todas as mucosas dela s e j a m

azuis...se é que me entendem) interpretada pela bela e competente Miss França Linda Hardy. Hórus, Nikopol e Jill são os três nomes centrais da malha de romance, ação, intriga política e suspense de Enki Bilal.

O filme estreou na França em 24 de março e há rumores que apontará por aqui antes de 2095.

A única deficiência em *Immortel* é talvez o forte contraste entre atores reais e personagens geradas em computador. Talvez o filme devesse esperar mais alguns anos por melhores e mais baratas tecnologias que permitissem animações mais convincentes com os modestos 23 milhões de euros do orçamento. Mas esse é um só um pequeno detalhe técnico que está longe de perturbar a onda de choque sensorial que é *Immortel*. Imperdível para qualquer um com um mínimo de gosto pela ficção científica dark e cyberpunk.

## IMMORTELLE (AD VITAM)

Linda Hardy, Charlotte Rampling, Thomas Kretschmann.

**Direção/Roteiro:** Enki Bilal

: \Web>

<http://immortel-lefilm.com>

<http://bilal.enki.free.fr>





10 anos após o lançamento de Nitrovisceral - o cultuado CD de estréia - e 12 anos após a demo tape Burnt Beyond Recognition o Aghast View continua envergando o título de banda brasileira de maior projeção no cenário eletrônico mundial.

Tendo passado por alguns dos principais selos e gravadoras de música eletrônica do mundo - inclusive pela lendária (e extinta) Zoth Ommog - o AV faz hoje parte do cast do selo americano DSPB por onde lançou os EPs Trendsetter e Drifter. A DSPB é também a casa do projeto paralelo Biopsy, de Fabrício Viscardi e Guilherme Pires.

Canções agressivas e letras contundentes. Com esta receita o Aghast View tomou de assalto os ouvidos dos fãs da face mais abrasiva da música eletrônica. O sucesso levou a banda ao sucesso nas pistas européias, a shows nos EUA e a prolíficas parcerias com outros grandes nomes da cena electro mundial: Funker Vogt, :Wumpscut: e in Stric Confidence, para citar algumas, remixaram e foram remixadas pelo Aghast View.

Nesta edição conversamos com Denis Rudge e Fabrício Viscardi sobre a história e o futuro do ícone maior da EBM verde e amarela.

**:\OC> Antes de tudo, parabéns pela longevidade do projeto. Pode-se dizer que nos 12 anos desde Burnt Beyond Recognition (A primeira demo tape, lançada em 1992) a banda esteve sempre em atividade?**

**:\FV>** Sim, porém com alguns hiatos, que foi quando normalmente gravamos os álbuns do Biopsy.

**:\OC> Inicialmente como um quarteto, o AV hoje é duo. O que levou à saída dos outros membros?**

**:\FV>** Ah...No início era um sexteto! Os membros foram saindo pois perceberam que ou não faziam nada na banda ou não queriam realmente fazer nada. Só ficou realmente quem era da banda mesmo.

**:\OC> Foi um choque para mim saber que Denis está morando no Rio de Janeiro e que essa separação pode dificultar o lançamento de novos trabalhos. Estão buscando maneiras de contornar o problema da distância? Ou os fans devem aguardar algum período de silêncio?**

**:\FV>** Nosso método de trabalho sempre foi muito interativo de modo que não acredito que possamos trabalhar separadamente. Desta forma, creio que o hiato é inevitável, infelizmente.

**:\OC> O Aghast View fez muito poucas aparições ao vivo no Brasil. A que isso se deve?**

**:\FV>** Falta de apoio e interesse do público local. Falta de infra e condições decentes pra tocar. O pessoal quer que a gente toque de graça em lugar lixo.

**:\DR>** O problema é que aqui no Brasil, como a galera é curta de grana, fica difícil que promoters tenham confiança em fazer eventos melhores, pois o público é restrito.

**:\OC> E quanto aos shows do exterior? Como foi a resposta do público e como o Aghast View é visto lá fora?**

**:\FV>** Foi bem legal, mas lamentavelmente descobrimos que a "cena electro/ebm " é desorganizada

também lá fora.

:**DR**> O problema é que muita gente do underground tem uma mentalidade amadora. Geralmente os que têm uma mentalidade mais profissional acabam transitando para áreas onde as coisas funcionam melhor, em termos de negócios. Muita gente finge ter essa mentalidade de que o dinheiro não é importante etc... mas isso é só uma desculpa hipócrita para suas incapacidades em fazer as coisas direito.

:**OC**> - **Aghast View é sempre o primeiro nome citado por estrangeiros quando me identifico como brasileiro em fóruns ou em discussões na internet. Apesar dessa projeção, aqui no Brasil o AV toca pouco em pistas e parece nao ser tão conhecido de boa parte do público. Por que isso acontece?**

:**DR**> Olha, até onde eu sei, hoje em dia, o pouco que rola de electro em pistas são em eventos mais góticos, e o povo é mais chegado no synth-pop com os vocais melódicos e tal.

:**OC**> **A última vez que encontrei vocês, foi na platéia do show do Front 242. Vocês não estavam do lado errado do palco? Acredito que seriam a banda perfeita para abrir o show. Por que isso não aconteceu?**

:**FV**> Pois é, não tivemos tempo hábil para realizarmos uma negociação no sentido de viabilizar esta aparição.

:**DR**> Eu só consegui o contato do promotor do show pouco mais que uma semana antes, e como já estava tudo finalizado, eles ficaram receosos de colocar a gente pra tocar meio em cima da hora. O que na verdade foi um grande erro da parte deles... pois todo mundo que tava no show tava de saco cheio daquela discotecagem que rolou (nada de pessoal contra ninguém, mas encheu o saco...).

:**OC**> **O AV ja lançou trabalhos pela Cri Du Chat, Zoth Ommog, Gashed, Subtronics e Accession. Como está sendo a experiência na nova casa, a DSBP?**

:**FV**> Já trabalhamos com a DSBP antes, já que esta gravadora lançou todos os 3 cds do Biopsy. é uma gravadora pequena e independente, sem muita penetração de mercado e baixa distribuição, porém o dono, Tommy T, é bastante honesto.

:**DR**> O problema principal da DSBP é que não há

muitas bandas boas na gravadora (nada de pessoal contra ninguém de novo...), então a gravadora não consegue uma grande distribuição e melhores parceiros, por não ter um cast digamos, dos mais interessantes.

Principalmente agora que a cena se tranformou de ebm-industrial pra synth-pop.

:**OC**> **Como funciona o AV em estúdio? Como é o processo de criação? O que cada um faz na composição?**

:**FV**> Trabalhamos juntos em tudo, mas o Denis lidera o processo de gravação e masterização. Eu faço grande parte dos vocais, porém as letras fazemos juntos.

:**OC**> **O panorama político mundial é apreciavelmente distinto do que se tinha na época de Burnt Beyond Recognition. Aghasterrorist provavelmente não seja mais uma denominação adequada. Como essas mudanças se refletem no som do AV hoje.**

:**FV**> Não refletem. O

nosso som de hoje não tem uma cara específica.

:**DR**> O terrorismo em si, enquanto assassinato de inocentes por uma causa ideológica, é obviamente uma coisa estúpida. Isso não que dizer que, em relação à política externa do EUA, em muitos pontos os terroristas tenham razão. A nossa denominação de "aghosterrorists" se colocava mais no cunho de idéias,

ou seja, uma postura reacionária em relação à prepotência, hipocrisia e imbecilidades intituionalizadas na sociedade.

:**OC**> **O que vocês ouvem hoje? Que novas influências se integraram ao que vocês ouviam em 92?**

:**FV**> Em termos de musica eletrônica, ouço um pouco de tudo. Só não gosto muito de dance baba, barulho e drum n bass puro.

:**DR**> Olha... dance baba eu também não gosto não, mas barulho e drum n bass já acho algo interessante. Ivete Sangalo é muito boa também.

:**OC**> **Como brasileiros, e artistas voltados a uma vertente alternativa, é improvável que consigam viver da música. Que outras atividades vocês desenvolvem?**

:**FV**> Eu trabalho como coordenador de suprimentos em uma empresa multinacional.





:\DR> Eu tenho vendido meu corpo em Copacabana agora que estou aqui no Rio...

:\OC> **Em 2004 Nitrovisceral completa 10 anos, qual o retrospecto dessa década? Há fôlego para mais 10 anos?**

:\FV> Não creio que tenhamos mais tempo e prioridade para fazer o que fazíamos até então. Claro que se for possível, voltaremos a fazer nossas músicas.

:\DR> Neste momento não temos como dizer que rumo tomaremos no futuro. Mas acho que fazer música já é uma parte do que nós somos. Eu pelo menos, pretendo continuar compondo pro resto da vida, mesmo que só de bobeira.

:\OC> **Compartilhamento de MP3. Um risco para os pequenos selos e bandas alternativas ou um veículo de popularização e divulgação?**



:\FV> SIM, é um grande risco e destrói qualquer tentativa de vendagem de discos de bandas alternativas.

:\DR> É tanto um quanto o outro. Mas todo mundo já sabe como essa tecnologia P2P foi detrimental para vários selos de música eletrônica. De qualquer forma não adianta ficar reclamando que isso afeta as pequenas gravadoras e os músicos etc. Não há como controlar adequadamente essa distribuição de material na internet, e principalmente algo que controle o material dessas pequenas gravadoras, que não dispõem dos recursos que as gravadoras grandes teriam de controle.

:\OC> **E para finalizar: uma mensagem para os fãs?**

:\FV> Um abraço a todos.

:\DR> Don't believe the hype.

---

:\Web>

<http://www.aghastview.cx>

:\Discografia>

1994 CD - Nitrovisceral - Cri du Chat/Subtronic

1995 CDS - Chemical Storm - Cri du Chat

1997 EP - Vapor Eyes - Cri du Chat

1998 CD - Carcinopest - Gashed/Zoth Ommog

1999 Ltd.ed. Picture Disc split AghastView / In Strict Confidence - Zoth Ommog

2000 EP - Truthhead - Gashed

2000 Limited Edition Boxset Truthhead (Double CD) - Gashed

2001 CD Album - Phasexnox - Gashed/Accession

2002 EPCD Trendsetter - DSBP

2003 EPCD Drifter - DSBP

:\Coletâneas>

1994 - Zwischenfall 2CD - Subtronic

1995 - Minimal Synth Ethics 3 - Cri du Chat

Mar/96 - Vertigo CD Compilation

Set/96 - AudioNews CD Compilation

Dez/96 - Industro Synthesis - DSBP

Out/97 - A Tribute To New Order - Cri du Chat

Jan/98 - Sonologie 1 Electro Compilation - Ora Music

Fev/98 - Culture Shock CD Compilation

Dez/98 - New Violent Breed - Nova Tekk/Cop International

Dez/98 - Silicon Warfare - Arts Industria

Set/98 - Popkomm Zoth Ommog Compilation - Zoth Ommog

Jan/99 - Neo Industrial Resistance - 4D Records

1999 - Zilloscope - Zillo Magazine Sampler CD

1999 - Music research Promo CD - Zoth Ommog

Apr/99 - Voltage 2-Electronic Vivisence - PBR./Code

1999 - Electro Club Attack Shot Two - EFA/XXC

1999 - Elegy Magazine CD Compilation /França

1999 - Hymns Compilation- Sony Music / Grécia

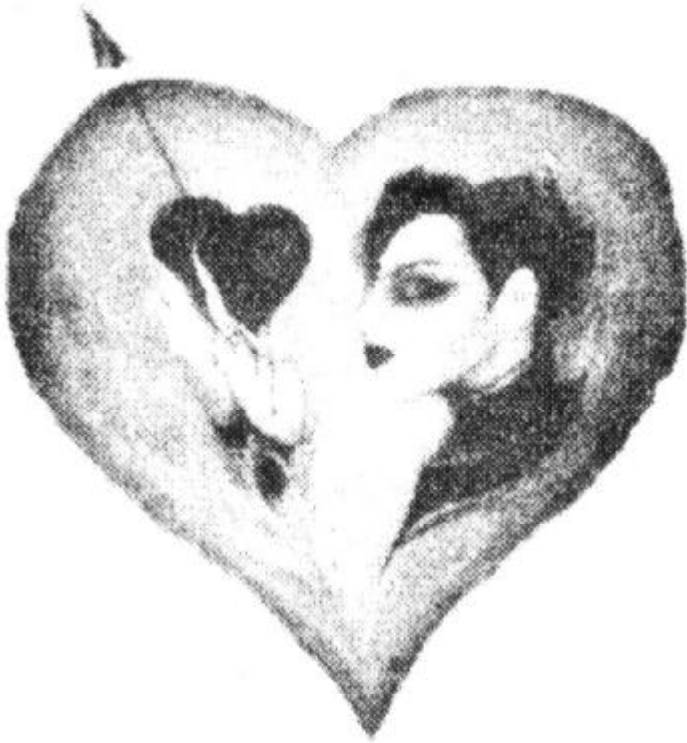
2000 - Virion Sequences- Gashed

2001 - Futronik Structures 3 -DSBP

2002 - Cryonica Tanz Vol. 2 - Sideline/Cryonica

:\Remixes>

Front 242, KMFDM, :wumpscut:, Funker Vogt, In Strict Confidence, Suicide Commando, Neuroactive, Allied vision, Negative Format, Gridlock, Inertia, Swamp Terrorists, Das Ich, Injury, Manufactura, Decoded Feedback, Flesh Field, Lights of Euphoria, Assemblage 23, Plastic assault.



**Batcave**

Gothic - EBM

Rua 24 de Maio, 62 - Loja 372  
S. Paulo - SP - CEP 01041-000

Oxx11 - 8215.9510

:\PORTFOLIO>

Mark 'Rayman' Horemans (Bélgica)



artwork: Mark 'Rayman' Horemans - contact: [raymanscape@hotmail.com](mailto:raymanscape@hotmail.com)

**Uma ascensão meteórica, cadenciada por batidas agressivas e vocais enérgicos, em direção ao topo das paradas alternativas. Assim pode ser definida a curta, mas pontuada pelo sucesso, biografia do duo alemão [:SITD:].**

**Canções talhadas para a pista de dança, ritmos pulsantes e melodias entoadas por vocais distorcidos. Assim são os hinos eletro-apocalípticos do [:SITD:].**

**Seguindo o vácuo do sucesso do EP Laughingstock e do álbum Stronghold conversamos com Carsten Jacek e Tom Leszczenski que nos revelam as engrenagens da máquina [:SITD:].**



**:{OC> Saudações do Brasil! E como é comum ao começarmos nossas entrevistas queremos saber o que vocês sabem sobre a cena brasileira. Conhecem alguma banda ou projeto?**

**:{Carsten>** Olá, antes de tudo gostaríamos de saudar o Brasil e agradecer pelo interesse no [:SITD:]. Agora vamos à questão: Conhecemos algumas bandas brasileiras como Aghast View, Pitch Yarn of Matter, Biopsy e Morgue Mechanism. O Aghast View lançou seu álbum Phaseknox pela Accession Records, um dos maiores selos independentes de música eletrônica na Alemanha e também a casa do [:SITD:]. Além disso, muitos brasileiros visitam nossa página <http://www.sitd.de>. Na página é possível nos contatar diretamente por email, e um bom número de brasileiros faz uso dessa ferramenta! Essa é uma excelente facilidade da internet!

**:{OC> Agora vamos ao ponto. Quem é o [:Shadows in the Dark:] e como chegaram a esse nome? Qual o papel de cada membro no processo de produção?**

**:{Tom>** A banda é formada por Carsten Jacek (vocais e letras) e por mim, Tom Leszczenski (música e backing vocals). Ao vivo contamos com Frank D'Angelo como tecladista adicional e nos backing vocals. Basicamente, eu componho toda a música enquanto Carsten cuida das letras. Mas cada um interfere no trabalho do outro. É importante que ambos gostem de cada aspecto da canção. As vezes conversamos sobre o trabalho e acabamos por mudar certos pontos da música ou das letras. Mas geralmente desenvolvemos a faixa em sintonia. A banda começou como "Shadows in the Dark" - Uma expressão metafórica para o conteúdo da música e das letras do projeto - Mas muitas pessoas - especialmente a imprensa e as gravadoras - achavam que se tratava de uma banda gótica, na linha de The Cure ou Sisters of Mercy. Decidimos então grafar o nome abreviadamente e entre

colchetes para caracterizar o estilo eletrônico de nossa música.

**:{OC> Como e quando o projeto foi formado? Contem-nos mais da história do [:SITD:].**

**:{Tom>** O [:SITD:] existe há oito anos. Lançamos alguns cassetes e dois CDs independentes intitulados "Trauerland" e "Atomic" que hoje estão esgotados. Material antigo pode ser encontrado nas coletâneas "Electronic Future Vol. I" ou "Maschinenwelt 3". Em 2001 a coletânea Septic II, trazendo a club version da faixa Snuff Machinery foi lançada pelo selo Dependent/Mindbase. Para nossa grande surpresa a faixa tornou-se um poderoso hit e surgiu então a chance de abrímos para o VNV Nation na Futureperfect Tour. Muitos selos se interessam em nos contratar. Estávamos em uma posição confortável para escolher o melhor contrato. Decidimos então por trabalhar com Adrian Hates - Cantor e líder da banda Diary of Dreams - em seu selo Accession Records. Em 2002 lançamos o "Snuff E.P." e atingimos o topo da parada alternativa holandesa e chegamos liderar a parada alternativa alemã (DAC - Deutsch Alternative Charts) por três semanas consecutivas. Nosso single acabou o ano entre os dez de maior sucesso na Alemanha em 2002. E a história continua...

**:{OC> De Snuff EP até o topo das paradas as coisas aconteceram rápido... como enxergam essa resposta do público?**

**:{Carsten>** Nunca esperamos tanto sucesso e nos surpreendemos com o fato de tantas pessoas diferentes se interessarem por nossa música. Nosso álbum Stronghold foi o de maior sucesso no DAC em 2003. Além disso atingimos o topo das paradas alternativas em vários países. Ouvintes de Gótico e Heavy Metal também encontraram sintonia em nossa música. Isso é

algo surpreendente já que, como você sabe, não usamos guitarras. Nosso mais acalorado sonho se tornou realidade e hoje temos a possibilidade de não depender de um emprego regular, o que nos permite manter em foco o que é mais importante: nossa música! É uma dádiva poder visitar tantos países, conhecer diferentes culturas e compartilhar com o público nossos mais íntimos sonhos e esperanças ou mesmo nossos mais profundos medos.

**:\OC> A canção Laughingstock retrata os tristes acontecimentos de Columbine. Até que ponto música ou filmes podem ser uma influência para eventos como esses?**

**:\Carsten>** Acreditamos que o trágico episódio de Columbine e um caso semelhante no Gutemberg-Gynasium em Erfurt, Alemanha em abril de 2002 sejam o resultado de uma sociedade corroida. Nenhum dos eventos foi influenciado por música ou filmes. Isso seria uma explicação simplista. Analise o mundo com olhos bem abertos e você reconhecerá a sociedade doente que nele vive! O egoísmo, a sede de guerra, suas faces mais sombrias e suas perversões. Não é a cena gótica ou eletrônica que é doente. É todo o mundo ao nosso redor! Ficamos chocados com o que aconteceu em Erfurt e ainda mais com a

maneira como a imprensa explorou o episódio. Ao invés de ajudar a curar a doença - as péssimas perspectivas dos jovens alemães ao saírem da escola e se depararem com o desemprego, a pressão de um sistema escolar atrasado e sem professores qualificados, pais que não sabem nada sobre as vidas dos filhos – a mídia apenas busca uma grande e sensacionalista história. E os políticos apenas pensam nas próximas eleições. Não há nada feito para melhorar a situação dos jovens.

**:\OC> Vocês já dividiram o palco com o VNV Nation e contribuíram com o projeto beneficente Brüderschaft que une membros dos principais nomes da cena Futurepop. O instrumental do [:SITD:] (como nas faixas Hurt e Venom no álbum Stronghold) traz os arpeggios característicos do Futurepop... Qual a relação do [:SITD:] com o Futurepop? O Futurepop é mesmo o futuro da música eletrônica alternativa? Ou, como diz Tom Shear (Assemblage 23) é apenas um novo sabor de EBM?**

**:\Tom>** Não nos vemos como uma banda de Futurepop, mas temos a mente aberta para todas as diferentes faces

da música eletrônica. Desde o início o que pretendíamos fazer eram hinos eletro-apocalípticos que soassem pesados, fortes e sombrios. Hoje atingimos o ponto em que podemos dizer: Sim, é assim que nossa música deve soar!

**:\OC> Que maquinário é usado pelo [:SITD:]? Vocês fazem uso de sistemas baseados em computadores como programas sintetizadores e sequenciadores?**

**:\Tom>** Ao vivo preferimos sintetizadores como os Yamaha, Ensoniq e Waldorf, mas no estúdio usamos vários sintetizadores e samplers baseados em software.

**:\OC> Que outras bandas vocês ouvem? Quais são suas influências? Livros e Filmes desempenham um papel significativo?**

**:\Carsten>** No momento bandas industriais mais agressivas, como Haus Arafna, Sonar e Esplendor

Geométrico. Mas também material clássico na linha de Depeche Mode, Kraftwerk ou New Order.

**:\Tom>** Rotersand, Suicide Commando e The Retrosic. Mas isto está sempre mudando.

**:\Carsten>** E sim, filmes e livros desempenham um papel significativo, assim como documentários e o noticiário!

**:\OC> O terrorismo costumava ser uma imagem recorrente nos primórdios da cena EBM/Industrial. O mundo mudou um pouco nestas duas décadas que se seguiram. Como esse panorama influencia o trabalho de vocês? Laughingstock é quase uma canção documentário. Com que frequência suas letras se baseiam em fatos reais?**

**:\Carsten>** Você tem razão, o mundo mudou. Ninguém poderia imaginar episódios fatais como o imaginar tropas aliadas torturando prisioneiros no Iraque. É vergonhoso. Temas como esses foram matéria prima para Hollywood, mas nunca foram um terror real em nossas vidas. Hoje o terrorismo é uma ameaça global. Talvez resultado da exploração e da opressão. Estamos ainda chocados por estes atos de agressão, e nosso trabalho é basicamente influenciado por estes terríveis acontecimentos. É algo terapêutico escrever sobre estes temas. Queremos trazer à tona estes bizarros aspectos da vida. Snuff-Machinery, por exemplo, é uma canção sobre os





determinou que estas crianças deveriam ser "germanizadas" ou mortas, porque ele acreditava que populações arianas fora do Reich eram uma ameaça. Eventualmente estima-se que 20 a 25 mil crianças estiveram envolvidas no projeto. A maioria polonesas. Apenas um pequeno número voltou para seus pais. A maioria pereceu vítima de uma guerra inútil e estúpida. A canção é um discurso político e queremos fortalecer a democracia com ela. Cada faixa do [SITD] é um retrato da sangrenta realidade e a arte de nossos CDs é um reforço a nossas intenções. O maquinário negro são as forças do mal, à distância, o céu branco simboliza

filmes Snuff. Documentários de torturas reais apenas disponíveis no mercado negro. "Snuff Machinery" 'e uma expressão metafórica para os produtores que saciam esses desejos pervertidos de pessoas doentias. Para ela um simples filme de sadomasoquismo não é suficiente. Elas precisam de tortura real, sangue real, culminando na morte de uma mulher ou criança violentada. Durante a guerra do Kosovo estes filmes eram rodados por senhores da guerra assassinos. Sabemos que é algo horrível, mas é a realidade. Um segundo exemplo é a faixa "Lebensborn" que se refere a um dos mais terríveis episódios da história alemã. O projeto "Lebensborn" foi um programa secreto concebido pelo líder das SS, Heinrich Himmler. É difícil traduzir ou explicar o significado do termo "Lebensborn", mas é algo entre "vertedouro" ou "fonte de vida". O programa surgiu na Alemanha para estimular e assistir às jovens alemãs na concepção de crianças racialmente puras, mesmo se fossem solteiras. Com o início da II Guerra Mundial e com a ocupação alemã em vastas porções da Europa Oriental, passaram a raptar milhares de crianças tomadas como arianas. Himmler

o porto, o lugar onde está a "Stronghold" (fortaleza) e onde encontraremos abrigo. Quanto mais sofremos, mais defendemos o reinado do mal. Cure o mal com um mal ainda pior e talvez você chegue a sua fortaleza. É uma possível interpretação metafórica para nossa música e nossas letras, mas cada ouvinte deve procurar sua própria resposta para estas questões. Como uma banda underground temos pouca influência na sociedade, mas tentamos usar todos os recursos ao nosso alcance!

**:\OC> E para finalizar, uma mensagem para os fãs brasileiros?**

**:\Carsten>** Muito obrigado e saudações a todos os nossos amigos no Brasil e obrigado a vocês pela excelente entrevista!!

**:\Web>**  
www.sitd.de

**:\Discografia>**  
2002 EP-CD "SNUFF E.P."  
2003 MCD "LAUGHINGSTOCK"  
2003 CD "STRONGHOLD"

4

:\QUERCLOCK>





# : \ENTREVISTA>

## AIRE'n

## TERRE



**:\>Quem é o Aire'n Terre?**

:\>A formação atual traz Wandeclyat M. e Aze von Helder, ambos cuidando dos sintetizadores, programações, samplers e voz. São os membros originais que formaram a banda em 1997. Morella van Ingen é a mais recente adição ao A.N.T, colaborando nas composições e suprimindo nossa necessidade de um vocal feminino. Adicionalmente contamos com convidados que nos dão suporte nas performances ao vivo.

**:\>Os membros do A.N.T vivem em países - e até em continentes - diferentes. como a banda contorna a barreira da distância e como isso influi no processo criativo?**

:\>A banda foi formada em Recife-PE em 1997. Mas apenas três ou quatro ensaios foram realizados nessa época. No ano seguinte Aze mudou-se para NYC e Wandeclyat para Santa Maria-RS. Desenvolvemos então toda uma estrutura que nos permitisse sincronizar nosso maquinário e trabalhar como se estivéssemos juntos em um mesmo estúdio. O fato de usarmos apenas instrumentos eletrônicos

e computadores simplificou o processo. Todo o trabalho de produção vem sendo conduzido via internet. Nossa mais recente integrante, Morella, mora do outro lado do Atlântico, em Madrid, reforçando mais uma vez nosso objetivo de transpor distâncias pela tecnologia. O Aire'n Terre como existe hoje surge realmente a partir da separação de seus integrantes, um fruto direto da tecnologia e da cybercultura. Independentemente de fronteiras, a banda habita o cyberspaço, logo, a barreira da distância inexistente.

**:\>Quais as principais influências do A.N.T?**

:\>Musicalmente, ouvimos muito do EBM e synthpop dos anos 80, Depeche Mode, Front 242, Signal Aout 42, Kraftwerk. Resgatamos um pouco dessa sonoridade em nossas composições. Além disso há influências do cinema (Blade Runner, Akira, 1984), da literatura (Orwell, K. Dick, William Gibson, Poe, Augusto dos Anjos) e mesmo de história medieval.

**:\>Após cinco anos existindo como um duo, o A.N.T agora conta com mais um integrante. Como foi a entrada de Morella na banda e em**



que isso influirá na sonoridade que conhecemos?

:>Na verdade o Aire'n Terre surgiu como um trio. Com a separação, no entanto, não víamos a necessidade de manter um terceiro membro como vocalista, já que não existia a necessidade de ensaios em tempo real. Dois integrantes nos parece o número perfeito para uma banda eletrônica. Suficiente para diversificar o processo criativo sem implicar em severas divergências. Decidimos finalmente por voltar à configuração original após termos trabalhado com Morella nos vocais de uma faixa. Além de bastante talentosa, durante todo o tempo ela esteve sintonizada com a proposta da banda e mostrou uma dedicação singular ao projeto. Seu senso melódico



deve contribuir bastante para humanizar o som da banda.

:>Que instrumental a banda utiliza para construir seu som?

:>Sintetizadores (Yamaha DX7-IIID, Roland JD-800 e JX 305), computadores (operando como sequencers, samplers e módulos de efeito), software (Fruity Loops, Acid, GigaSampler, Reaktor, Cubase SX, Reason). Esse maquinário é também levado aos palcos, com os sequencers substituindo os integrantes ausentes.

:>Como definir o som do A·N·T?

:>Essencialmente fazemos Electronic Body Music. Ritmos pesados e dançantes, com fortes linhas de baixo sintetizado. Mas há bastante melodia nas canções, o que em alguns instantes poderia ser rotulado como futurepop. Flertamos também com o industrial e com atmosferas góticas, mas cotumamos definir nosso som apenas como um EBM mais melódico.

:>Uma mensagem final?

:>"Fail is never an option".

AIRE·N·TERRE:  
[www.listen.to/airenterre](http://www.listen.to/airenterre)  
[airenterre@gmail.com](mailto:airenterre@gmail.com)



CD's e LP's Nacionais & Importados

Rua dos Andradas, 1522 · Fone/Fax: (55) 223.6031  
email: [exclusivedcs@terra.com.br](mailto:exclusivedcs@terra.com.br) · Santa Maria · RS



Após um período de estagnação na Ficção Científica em fins dos anos 70, um grupo de escritores (William Gibson, Rudy Rucker, Lewis Shiner, John Shirley, Bruce Sterling) decide retomar as experimentações em sua linguagem e temáticas, expressas através do rótulo *cyberpunk*. No prefácio da coletânea *Mirrorshades*, que lançou as propostas do grupo de autores, Bruce Sterling define que o cyberpunk é um produto definitivo dos anos 80, embora suas raízes estejam calcadas na tradição da FC moderna popular. Tudo isso unido à cultura pop dos anos 80, seja o rock, a arte performática, a cultura hacker, e todas as manifestações underground de arte.

O trabalho de William Gibson aparece como uma obra exemplar de poética cyberpunk. Gibson é um dos principais autores do cyberpunk, tendo, no livro *Neuromancer* (1984) criado o conceito de ciberespaço e inspirado uma série de outros autores. O cyberpunk, para além de uma corrente literária, é uma visão de mundo atual que engloba literatura, música, cinema, teorias, cultura jovem, MTV e a cultura do PC/Macintosh. Nesse contexto, são citados Mary Shelley, Philip K. Dick, J.G. Ballard, Gibson e outros escritores, McLuhan, Wiener, Walter Benjamin e Baudrillard como teóricos e a música de Patti Smith, Lou Reed, Ramones, Sex Pistols (a geração punk) como fontes de sua influência.

Decompondo o termo cyberpunk, encontramos de um lado o cyber, remetendo à cibernética de Wiener e à noção grega de governo (no sentido de controle). Do outro temos a noção do punk, tanto como movimento musical como ideológico. O cyber nos remete às origens filosóficas e também literárias do conceito, enquanto o punk traz à tona o lado da contracultura, do protesto, do não-controle, do *underground*, da atitude dos hackers, da experiência empírica das tribos urbanas ligadas à tecnologia.

Nos últimos anos, o cyberpunk passou de corrente literária propalada em revistas de FC a um dos elementos centrais no estudo da cultura contemporânea. O cyberpunk apresenta-se como uma rica fonte de pesquisa para aqueles que pretendem compreender a cultura contemporânea, na qual o imaginário maquínico apresenta-se como uma condição *sine qua non* da existência humana.

A visão cyberpunk reconhece um espaço público em que as pessoas são tecnologicizadas e reprimidas ao mesmo tempo e a tecnologia faz a mediação de nossas vidas sociais. O cyberpunk apresenta a interação humana e mecânica como indissociável e conflituosa, todavia central. Essa mesma narrativa questiona as hierarquias humanas propondo uma diminuição e, quase um borrão, nas diferenças entre animais, humanos, andróides, entre outros.

Percebe-se a forte influência do Romantismo na gênese da FC e, conseqüentemente, no cyberpunk. A instabilidade do eu e da categoria do ser humano em relação aos outros e em suas definições existenciais estão no âmago das dualidades da arte romântica dos séculos XVIII e XIX, que, cabe salientar, não deixaram de estar presentes na sociedade contemporânea e tampouco durante toda história da FC.

Um outro fato importante e que difere das gerações anteriores tem a ver com o aspecto mercadológico do cyberpunk. A estrutura comercial da cultura de massa que difunde o próprio estilo cyberpunk, parece ser mais uma das ambigüidades pertencentes à cibercultura, além do fato de que o capitalismo é o responsável pela literatura de fantasia moderna, mas que, ao mesmo tempo, ele seja agredido por ela.

### >CYBERGÓTICO<

Em um estilo e linguagem que mescla ficção-científica à teoria social e filosofia, Nick Land (1998) nos apresenta a sua versão gótica do futuro (que une elementos arcaicos e tecnológicos em um mesmo momento), relacionando pessimismo e horror à digitalização em curso na sociedade atual. Ele transcreve o horror gótico da época vitoriana para o horror dos códigos binários, do ciberespaço, de um presente cada dia mais tecnificado, descrevendo o lado escuro da digitalização (tecno-esquizofrenia, morte do corpo biológico e reposição da máquina, destruição das corporações, constituem algumas de suas descrições do futuro cada dia mais presente) em seu artigo *Cybergothic*.

Dentro dessa concepção de mistura homem/máquina enquanto algo apavorante, causadora de horror e espanto, o cyberpunk pela figura do cybergótico apresenta-se como parte desse aparato de engenharia do ser humano maquínico, como um eu eletrônico, um devir máquina que será a próxima etapa do processo de digitalização.

Em suas relações como uma das bases de fundação da cibercultura, a Fic-

ção Científica, principalmente através do cyberpunk, em sua visão tecnológica sombria e espectral de mundo, está indissociavelmente ligada à ficção gótica do século XVIII, na qual seus personagens representavam o indivíduo face às mudanças surgidas em decorrência da Revolução Industrial.

Os fantasmas que permeavam os romances góticos continuam habitando nosso imaginário pulsional, posteriormente tomando conta da ficção científica através de suas representações monstruosas e deformadas no período clássico, alienígenas e robotizadas na era dourada, maquinicas e cotidianas na Nova Onda e, finalmente misturadas aos elementos humanos no cyberpunk. Dos corpos ambulantes que perambulavam encharcados de sangue e submetidos à violência das cirurgias na era industrial, retratada pela ficção gótica, chegamos às próteses midiáticas e mili-

tares nos corpos humanos, aos implantes de chips no córtex cerebral e à fusão de metal e carne nas histórias cyberpunks.

Os espectros da ficção científica, trazidos à "vida" em meio às sombras das cidades góticas

continuam aterrorizando o imaginário da sociedade tecnológica através dos seus muitos gêneros, sobretudo pelo imaginário cyberpunk com seus corpos modificados, tatuados, perfurados, mixados de sangue, placas de silício e circuitos metálicos.

**ADRIANA AMARAL.**

[Jornalista e doutoranda em Comunicação Social pela PUCRS.]



# TANINO LIBERATORE!

Tanino Liberatore desembarca pela primeira vez no Brasil nas páginas da ANIMAL, saudosa revista em quadrinhos alternativa que trazia a vanguarda do quadrinho adulto mundial. Em alguns casos, vanguarda poderia significar algo com dez anos de atraso, como Ranxerox, o ultrajante andróide politicamente incorreto de Liberatore e do roteirista Stefano Tamburini, publicada na França em 1980. As paisagens urbanas caóticas de um futuro decadente são o pano de fundo das violentas aventuras do anti-herói Ranxerox e da pequena, mas não pouco perversa, Lubna. Nas palavras de outro mestre da HQ alternativa, Richard Corben, "Ranxerox é um Frankenstein punk e futurista" e "Ranx e Lubna são uma versão bizarra de A Bela e a Fera". Tamburini morre de overdose em 1986, após a publicação dos dois primeiros volumes da saga de Ranx. O terceiro livro, mantendo o espírito anárquico e cyberpunk dos dois primeiros mas sem o brilho das histórias de Tamburini, só vem à tona em 1997, nascido da contribuição entre Tamburini e Alain Chabat. Tão espirituosa e anárquica quanto seus quadrinhos é sua autobiografia:

Tanino Liberatore nasceu, não por escolha própria, em Quadri, Itália, em 12 de abril de 1953.

Quando criança, seu maior sonho era pintar mulheres nuas. Para isso, ingressou na Escola de Belas Artes de Pescara, uma pequena cidade na Itália, onde acabou descobrindo que as mulheres não tiram a roupa tão facilmente. Após relutantemente completar seu curso, Liberatore toma seu caminho para Roma (já que todos os caminhos levam a Roma) onde, acreditava ele, todas as mulheres (exceto sua mãe e irmãs, quando o visitassem) andariam peladas. Para se consolar de mais esta frustração, ele acaba entrando na Universidade de Arquitetura.

Liberatore trabalhou como freelancer para várias agências de 1974 a 1978, quando conheceu Tamburini e iniciou a publicação de seus primeiros quadrinhos na revista Cannibale, uma publicação para aqueles que buscavam uma dieta alternativa.

Em 1980, a primeira edição de Frigidaire chega às bancas. Apesar do nome, não se tratava de uma publicação para vendedores de geladeiras antigas mas uma revista em quadrinhos surpreendente e inovadora. Nas páginas de Frigidaire foram publicados os primeiros episódios de Ranxerox, de Tamburini e Liberatore, Ranxerox em Nova York e Ranxerox: Feliz Aniversário, Lubna.

No início dos 80, Liberatore — como qualquer italiano que se preza — inicia sua conquista do mundo. Produziu capas de revistas e posters para festivais; pintou a capa do álbum de Frank Zappa, The Man from Utopia e criou personagens gerados em computador para o teatro e para as televisões francesa e italiana.

Desde 1982, Liberatore mora e trabalha na França—mas continua suando como um marinheiro italiano.



Nos últimos anos, Liberatore tem trabalhado regularmente com Alain Chabat, comediante/ator/diretor e escritor francês. Em 1997, trabalharam juntos no terceiro (e último?) volume das aventuras de Ranxerox: Amen. Liberatore também trabalhou no filme de Chabat: Asterix e Obelix: Missão Cleopátra, e recebeu o Cesar 2003 (resposta francesa ao Oscar, apesar de Caesar ter sido um romano) por melhor desenho de figurino.

Recentemente trabalhou também no último filme de Chabat, RRRrrr!!!, uma comédia pré-histórica na boca para o lançamento.

Universalmente aclamado na Itália como o Michelangelo dos quadrinhos, Liberatore está completando sua Capela Sistina: Lucy, uma graphic novel sobre as origens da humanidade, programada para publicação ainda em 2004 — a menos que Liberatore se distraia como sempre e saia em busca de novos horizontes onde possa encontrar mais mulheres nuas para desenhar.

:\Web>  
<http://www.taninoliberatore.com>



# : \RADAR> : \RADAR> : \RADAR> : \RADAR>

: \A INDUSTRYA> a próxima empreitada do projeto é um CD com parcerias com outras bandas nos remixes e vocais. Entre os nomes confirmados: confirmadas: Front Runner, Aire'n Terre, Enjoy, Skukpartitionroot, The downward path, DawnFine e K factor.

: \MHZ> O duo argentino está em estúdio produzindo material para seu novo álbum. São grandes as chances do lançamento acontecer ainda esse ano. Paralelamente, o vocalista Patrick Mills une-se ao DJ Tecnoman para formar o duo Lastrax.



Futurepop de primeira linha!  
: \KRAFTWERK> Confirmada a segunda vinda ao Brasil do quarteto alemão! Pobres almas que perderam as históricas apresentações no Free Jazz de 1998, terão três chances de se redimir: 05/11 TIM FESTIVAL, São Paulo; 06/11 TIM FESTIVAL, Rio de Janeiro e 08/11, Teatro Nacional, Brasília. Lembrando que o Kling Klang Studio está remasterizando e relançando todo o seu catálogo, inclusive com nova arte de capa!

: \Dolores> Anti-Rock? Post-Rock? Desconstrução? Iconoclastia? Chame como quiser, mas o fato é que é impossível deixar passar despercebida a subversão musical e poética desta banda santamariense. Confira o Release: *Dolores é a soma dos restos de várias coisas, entre elas, vitrolas, Lp's, livros roubados e desenhos primários. Passar sua infância trancada no quarto dos fundos, com a única janela voltada para um muro, não fazia dela uma mocinha mais amarga. Gravava tudo o que imaginava existir do outro lado do muro em um pequeno gravador, e soava como se arranhassem o vidro da janela com um pequeno canivete. Em junho de 2003 iniciaram os ensaios, no*



*mesmo mês é lançada sua demo "DEMO D"... juntando um repertório de poesias musicadas com novas composições inspiradas mais por imagens e palavras, que por música. Álvares de Azevedo com "Se eu morresse amanhã" e Fernando Pessoa com "Isto - Dorme que a vida é nada", encabeçam as poesias contidas na demo, mais uma versão adulterada, porém sincera, de "Espaço" do Vitor Ramil. Ainda nos shows era possível ouvir outras poesias como "Mistérios de um fósforo" e "Versos Íntimos" de Augusto do Anjos, além de outras composições próprias. Dolores, a banda, na verdade nunca se viram, mais se conhecem bem... São limpos, felizes e bonitos. [www.dolores.weblogger.com.br](http://www.dolores.weblogger.com.br)*



: \AIRE'N TERRE> O Aire'n Terre, recentemente transformado em trio com a adição de Morella van Ingen como vocalista e programadora, deve trazer boas novidades para o segundo semestre. Um álbum com faixas inéditas e uma reedição do CD-R Chain Reaktion com a adição de novos remixes e versões

inéditas estão nos planos da banda. Além disso contribuem com uma faixa em um tributo argentino ao Throbbing Gristle e iniciam uma jornada de remixes de bandas amigas. [www.prolapse.org/airenterre](http://www.prolapse.org/airenterre)

## Front 242 - Geography

alfa-matrix (2004)



O seminal álbum de estréia do Front 242 é um divisor de águas na música contemporânea. Mesclando influências de música eletrônica e industrial, Geography é o nascimento da *Electronic Body Music*, termo cunhado pelo próprio Front 242 para definir sua então

incomparável sonoridade. Lançado originalmente em 1981, o álbum que então trazia as mais avançadas máquinas musicais de sua época, continua atual e impactante. Nesta reedição, cada faixa foi reconstruída a partir das fitas originais utilizando a tecnologia atual. O resultado é uma profusão de novos sons, timbres e atmosferas, a maioria fracamente percebida nas gravações originais. A paisagem sonora de Geography aparece mais densa e brilhante do que nunca. O álbum teve também a adição da inédita *he runs too fast for us*, deixada de fora da edição original. E para os 4000 felizardos que optarem pela edição dupla limitada em box de DVD as surpresas são ainda melhores: um livreto com o making of do álbum, escrito pelo próprio Daniel B. No disco bônus, faixas dos projetos Prothese (Daniel B. e Dirk Bergen) e Underviewer (P. Codenys e J.L. de Meyer) de cuja fusão nasce o Front 242, além de versões inéditas e sessões ao vivo totalizando 19 faixas de raridades. **W.M.**

## Front Line Assembly Gashed Senses and Crossfire/ Caustic Grip sum records (2003)

Não poderia aparecer notícia melhor para nós que sofremos com o alto preço dos importados: Front Line Assembly ganha edição nacional! Reunidos em um CD duplo, por preço abaixo de R\$30 em algumas lojas, duas obras fundamentais do FLA. Trazendo clássicos como *Digital Tension Dementia*, *Provision* e *Iceolate* os álbuns são presença obrigatória na coleção de todo amante da música eletrônica agressiva! **W.M.**

## Lights of Euphoria - Querschnitt metropolis records (2004)

Querschnitt é quase um *Best of* dos 12 anos do Lights of Euphoria. Com 10 hits absolutos - incluindo *Vision*, *Subjection*, *In Love with the Night* e *Deal in Sex* - e mais 8 faixas inéditas - incluindo remixes por *In Strict Confidence* e *Leather Strip*. Querschnitt serve como introdução ao LoE, mas é igualmente eficiente como panorama do universo da EBM/Industrial feita a partir dos anos 90, variando do agressivo ao dançante e sem medo de oscilar entre ambos. Obrigatório tanto para novos quanto antigos fãs. **W.M.**

## Client - Client toast hawaii (2003)



O duo feminino inglês formado por Client A (Sarah Blackwood) nos vocais e Client B (Kate Holmes), faz um electro-punkish-synthpop, mix de Kraftwerk, Joy Division e Dusty Springfield, produzido por Andrew Fletcher do Depeche Mode, o que já são ótimas referências. Neste excelente álbum de estréia

os destaques são as faixas Client com seus vocais sexy mandando um "fuck off, don't touch me there" no seu final. Mas sugiro que você dê uma boa pegada e ouça em alto e bom som, não deixe de ouvir também Rock & Roll Machine, Price of Love, Diary of an 18 Year Old Boy e Love All Night. Outro destaque são os artworks do disco e seus singles, minimalistas como as roupas que o duo usa em suas apresentações: visual impecável e, o que realmente importa, uma absurda trilha sonora.

<http://www.client-online.net>

Gus.

## Skinny Puppy - The Greater Wrong of the Right spv (2004)

É no mínimo desconcertante perceber que os vocais em *Pro-Test* e *I'mmortal* flertam com o rap ou que as batidas remetem ao Jungle/D'n'B em *Neuwerld* e *EmpTe*, isso sem falar que *Use Less* tem lá seus traços de new metal. Os riffs de guitarra estão lá, as programações continuam competentes, mas Nivek Ogre e Cevin Key estão longe de terem produzido uma unanimidade neste primeiro álbum desde *The Process* de 1996. A única certeza até o momento é a de que *The Greater Wrong of the Right* promete dividir a opinião **dos fãs. W.M.**

## NamNamBulu - Distances/ Expansion nilaihah records (2004)

A estréia com as 6 faixas do EP *Blind?* em 2002 já apontava o duo NamNamBulu como uma grande revelação no cenário synth/futurepop. Os inconfundíveis vocais de Henrik Iversen dão o exclusivo tempero as canções dançantes e melódicas do NNB e já seriam motivo suficiente para os fãs da melodia eletrônica correrem atrás do álbum *Distances*. Menos obrigatório talvez seja o EP *Expansion*, os remixes das faixas do álbum acrescentam muito pouco à sonoridade original e o foco fica mesmo nas faixas inéditas e na ótima parceria com o [S.I.T.D.] - veja entrevista nesta edição - na faixa *Forgiving. W.M.*

## Cephalgy - Engel Sterben Nie out of line (2004)

PAREM AS MÁQUINAS! a EBM não morreu! Batidas magistrais, vocais enérgicos, linhas de baixo perfeitas! Você não ouvia algo assim desde Nitzer Ebb! A Out of Line continua se mostrando um celeiro de grandes talentos e uma espécie de garantia de qualidade no

meio eletrônico-industrial. O Cephalgy é a mais recente prova disso, nem retrógrado nem moderninho, o cruzamento entre novas e antigas tendências é harmonioso! Destaque para as faixas *Desire*, *Dying World*, *Violent Times*, *Deine Liebe*, *Engel Sterben Nie*...Ah!!...Destaque para o álbum todo!

ÓLEO DO TESÃO - GEL DO BEIJO - FANTASIAS  
ADULT TOYS - EXTENSORES - LUBRIFICANTES  
ESPECIAIS - RETARDANTES - COMESTÍVEIS -  
CAMISINHAS DE FORMAS E TAMANHOS  
DIFERENTES E FOSFORESCENTES



Florianópolis, 958 - Santa Maria - RS - (55) 221.6813

: \Overclock> ano I número 2 [jan-jun 2004]

: \Contato, Demos, Publicidade, Cartas-bomba> Chain Re-Akords CP 679, Santa Maria-RS-Brazil 97001-970 airenterre@gmail.com

: \Edição> Wandeclyt M.

: \Diagramação> Sílvia Lago • Wandeclyt M.

: \Capa> Wandeclyt M.

: \Contribuíram nesta edição> Robert Tritthardt • Adriana Amaral • Tatiane Mantovane • Calixto+Braziliano • Gus

: \Thankx> Marcus+Monica@BioDiverCidade, Marcelo Pastel@Ultramode, Rodrigo Nacht, Gothik Night Crew, Eduardo Morpheus Affinito@DeProfundis, Cid@Carcasse, Sara Noxx+Guido, F. Viscardi+D. Rudge.

*Os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não traduzindo, necessariamente, a opinião do editor.*

*Você pode copiar, distribuir e exibir livremente este zine para fins não comerciais e preservando a integridade de seu conteúdo. Demais usos do material aqui publicado necessitam de permissão expressa dos respectivos autores.*

*Um link para uma versão eletrônica deste zine, bem como das edições anteriores, em formato PDF, pronta para impressão, está disponível em [www.prolapse.org/airenterre](http://www.prolapse.org/airenterre) e [www.listen.to/airenterre](http://www.listen.to/airenterre).*

*Este Trabalho está licenciado sob a licença Attribution-NonCommercial-NoDerivs da Creative Commons, para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.0/br/> ou envie uma carta para Creative Commons, 559 Nathan Abbott Way, Stanford, California 94305, USA.*

*[This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivs License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.0/br/> or send a letter to Creative Commons, 559 Nathan Abbott Way, Stanford, California 94305, USA.]*